

OPINIÃO

2017: Um ano muito especial



Luís Pais Antunes
"Managing partner", PLMJ

No plano internacional, o início da presidência de Donald Trump em Janeiro irá marcar o tom e trar-nos-á uma forma de estar no mundo que, no mínimo, se afastará do registo do "politicamente correcto", tão do agrado da maioria dos chamados líderes de opinião... Seguir-se-ão as eleições presidenciais francesas e as legislativas alemãs que, seja qual for o respetivo resultado, vão mudar a face da Europa tal como a conhecemos.

Como "pano de fundo", assistiremos aos avanços e recuos do Brexit, ao agravamento da crise em Itália, à continuação da vaga de refugiados à procura de uma vida melhor na Europa, ao arrastar da guerra na Síria e à persistência dos atentados terroristas. Mas também teremos o petróleo a subir e os primeiros sinais de regresso à vida de uma palavra que andava quase esquecida: inflação.

No meio de todas as incertezas, a única certeza é a de que o mundo em que vivemos vai estar necessariamente diferente quando este ano chegar ao fim. Provavelmente não estará melhor. Mas numa altura em que o "manual de como as coisas devem funcionar" se revelou estar completamente desactualizado tudo é possível. Até boas surpresas...

Em Portugal, 2017 vai ser, também, um ano bastante agitado. Na banca teremos novos episódios do que parecem ser duas intermináveis novelas: a da CGD e a do Novo Banco. Entre administrações que saem e administrações que entram, recapitalizações e fechos de balcões, potenciais compradores e eventuais nacionalizações, lesados mais

protegidos e contribuintes mais expostos, dificilmente haverá um dia em que o sector financeiro não seja notícia e não venha a causar calafrios a uns e a outros.

Mais para o final do ano iremos ter eleições autárquicas, com muita obra para inaugurar e dinheiro – que parecia não haver... – a jorrar. Faltam ainda muitos dos protagonistas, mas a campanha já aí está, alimentada por devoluções, reposições e reversões que um dia haveremos de pagar com juros cada vez mais altos.

A "geringonça" começará a dar sinais de crescente instabilidade, enquanto o principal partido da oposição parece querer mudar de liderança

Como alguém escreveu há dias, o país estará pior, mas as pessoas sentir-se-ão melhores

ao fim de 7 anos, embora não saiba bem quando, nem como. A dívida pública continuará a agravar-se, mas no papel as contas aparentarão uma "saúde de ferro". Os fornecedores irão queixar-se de novo de que os pagamentos nunca mais chegam. A economia manter-se-á em estado de relativa anemia, enquanto o SNS e os demais serviços públicos darão novos sinais de degradação. Lá mais para o fim do ano – mas só depois das autárquicas... – voltaremos a ouvir falar de aumentos dos impostos indirectos.

Como alguém escreveu há dias, o país estará pior, mas as pessoas sentir-se-ão melhores. Se for assim, do mal o menos... ■